

Tabela 1: Pronúncia do dialeto ático em meados da época clássica (por volta do fim do séc. V)

Maiúscula	Minúscula	Pronúncia	Transcrição fonética
A (longo)	α	<u>a</u> mar	[a]
	$\bar{\alpha}$	a <u>ma</u> r	[a:]
	α ou $\bar{\alpha}i$	como $\bar{\alpha}$, com -i no fim	[a:i]
	αi	<u>a</u> ipim	[ai]
	αu	<u>a</u> uxílio	[au]
	$\bar{\alpha}u$	como αu , mas com α longo	[a:u]
B	β	<u>b</u> elo	[b]
Γ (antes de γ , κ , χ)	γ	<u>g</u> ato (nunca “j” como em <u>g</u> ente)	[g]
		<u>â</u> ngulo (antes de γ , κ , χ)	[ŋ]
Δ	δ	<u>d</u> ente (nunca “dj” como em <u>d</u> ia)	[d]
E	ϵ	<u>d</u> escer	[e]
	ϵi	de <u>sce</u> r	[e:]
	ϵu	de <u>sce</u> u	[eu]
Z	ζ	<u>es</u> drúxulo	[zd]
H	η	<u>é</u> poca	[ɛ:]
	η ou ηi	como η , com -i no fim	[ɛ:i]
	ηu	<u>cé</u> u, com \acute{e} longo	[ɛ:u]
Θ	θ	t acompanhado de emissão de ar (como no ingl. <u>hot</u> -house)	[t ^h]
I (longo)	i	<u>i</u> nício	[i]
	\bar{i}	i <u>n</u> ício	[i:]
K	κ	<u>c</u> asa	[k]
Λ	λ	<u>l</u> imão	[l]
M	μ	<u>m</u> artelo	[m]
N	ν	<u>n</u> ariz	[n]
Ξ	ξ	<u>fricç</u> ão, <u>axi</u> oma	[ks]
O	o	<u>o</u> bter	[o]
	oi	<u>o</u> itavo	[oi]
	ou	<u>u</u> nha, com u longo	[u:]
Π	π	<u>p</u> ote	[p]
P (inicial) (duplo)	ρ	<u>a</u> rado	[r]
	$\dot{\rho}$	<u>r</u> ato	[R]
	$\rho\rho$ ou $\dot{\rho}\dot{\rho}$	fazer <u>r</u> apel	[RR]
Σ	σ, ς	<u>s</u> opa (nunca “z” como em <u>c</u> asa)	[s]
T	τ	<u>t</u> ema (nunca “tx” como em <u>n</u> oite)	[t]
Ψ (longo)	υ	fr. <u>m</u> enu ou alem. <u>M</u> üller	[y]
	$\bar{\upsilon}$	fr. <u>r</u> use ou alem. <u>M</u> ühle	[y:]
	υi	semelhante ao fr. <u>h</u> uit	[yi]
Φ	ϕ	p acompanhado de emissão de ar (como no ingl. <u>up</u> -hill)	[p ^h]

continua na próxima página

Maiúscula	Minúscula	Pronúncia	Transcrição fonética
X	χ	<i>k</i> acompanhado de emissão de ar (como no ingl. <i>back-hand</i>)	[k ^h]
Ψ	ψ	<i>psicologia</i>	[ps]
Ω	ω	<i>óculos</i>	[o:]
	φ ou ωι	como ω, com -ι no fim	[o:i]
	ωυ	como ω, com <i>u</i> no fim	[o:u]

Observações:

1. As letras ε e o representam vogais breves, as letras η e ω representam vogais longas e as letras α, ι e υ podem representar tanto vogais breves como longas.
2. A vogal η difere do ε não só por ser longa, mas também por ser de qualidade mais aberta. Na época clássica, η tinha qualidade semelhante ao nosso “é”, ao passo que ε era semelhante ao nosso ê. Da mesma forma, o ω representava um som não apenas longo, mas também mais aberto (“ó”) do que a letra grega o (“ô”).
3. No Brasil, geralmente pronuncia-se ει como o ditongo “ei”. No entanto, sabemos que em meados do período clássico ει *não era ditongo*, mas um *dígrafo* representando a forma longa da vogal ε, ou seja, “e” fechado longo [e:].

Este dígrafo ει remonta a uma dupla origem. Em alguns casos ele é o resultado da evolução de um ditongo ει [ei] antigo, transformado em monotongo. Em outros, ele representa o alongamento de um ε antigo ou a contração de dois εε, sem caráter de ditongo em momento algum.

4. O dígrafo ου era pronunciado como “u” longo na Atenas clássica (nunca como ditongo “ou”). Tal como o dígrafo ει, existe uma dupla origem do ου. Em alguns casos ele é o resultado da evolução de um ditongo ου [ou] antigo, que acaba por dar o monotongo [u:]. Em outros casos ele representa a evolução de um som “o” longo fechado [o:], que deriva ou do alongamento de um “o” antigo, ou da contração de dois “oo”. Esta transição de [o:] para [u:] representa um fechamento ainda maior da vogal.
5. As consoantes θ, φ, χ, no período clássico, são oclusivas (envolvem um bloqueio momentâneo da emissão de ar) e aspiradas (acompanham emissão de ar). Séculos mais tarde elas vêm a perder o caráter oclusivo e passam a ser consoantes constrictivas (que envolvem um fluxo constricto de ar). O θ irá pronunciar-se então como o *th* do ingl. *thin*; o φ, como o *f* de *farinha*; o χ, como o *j* espanhol de *jamón*.
6. A vogal υ tinha originalmente (antes da época clássica) o valor de “u”. Esta é uma vogal dita posterior (a parte traseira da língua se eleva dentro da boca), fechada (a língua eleva-se deixando relativamente pouco espaço livre) e arredondada (há arredondamento dos lábios). Em outros dialetos esse valor está preservado, mas no ático a vogal υ muda de posterior para frontal, permanecendo arredondada, como no fr. *menu*. O valor original permanece quando υ representa semi-vogal em ditongos (αυ, ευ, ου, ηυ, ωυ).
7. As letras ζ, ξ, ψ são chamadas *consoantes duplas*, pois em uma só letra representam-se os sons de duas consoantes.
8. Consoantes duplicadas são plenamente pronunciadas: ππ se pronuncia como o ingl. *hip-pocket*, ττ como o ingl. *rat-trap*, σσ como *dois sacos*, etc. A única exceção é γγ (ver abaixo).
9. As consoantes γ, κ, χ são oclusivas (bloqueiam momentaneamente o fluxo de ar) que se articulam com o dorso da língua tocando o véu do palato (parte mole do céu da boca). Por esta razão, são chamadas consoantes *velares*.

Quando temos uma letra γ seguida de velar (γγ, γκ, γχ), esse γ adquire som semelhante ao “n”, mas com oclusão velar no fim. Em outras palavras, o dorso da língua toca o véu do palato (bloqueando o fluxo de ar) ao final desse som “n”, como no ingl. *sing*.

10. Algumas letras arcaicas não chegaram a entrar para o alfabeto jônico mostrado na tabela, mas continuaram em uso no sistema numérico grego e em alguns alfabetos de outras regiões da grécia:
- O *vau* (maiúsc. Ϝ, minúsc. ϝ), também chamado *digama* pelo seu formato aparentar o de um duplo gama. Vinha logo após o ε na ordem alfabética e representava uma semi-vogal com som de *u*, como o *w* inglês em water ou o *u* em *bagual*.
- O *qoppa* (maiúsc. Ϙ, minúsc. ϙ) representava uma consoante oclusiva velar pronunciada com o arredondamento dos lábios, representada foneticamente como [k^w]. Usava-se antes de ο, υ, ω. Na ordem alfabética, vinha depois do π.
- O *sampi* (maiúsc. Ϡ, minúsc. ϡ) vinha depois do ω no alfabeto. Não se sabe ao certo qual era seu valor fonético, mas é encontrado em inscrições de certas cidades em posições onde esperaríamos normalmente σσ ou ξ.